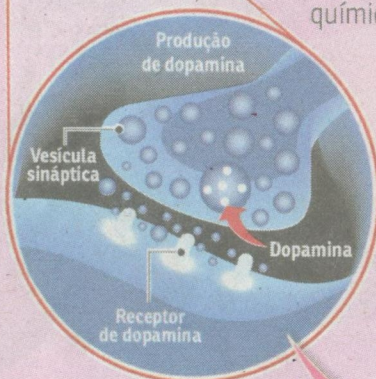


Entenda por que a paixão é capaz de tirar o apetite e o sono, e, mesmo assim, faz um bem danado ao organismo



## Atração. Paixão. Amor.

Essas emoções inspiram poesia e romance, mas são puramente reações químicas do cérebro humano



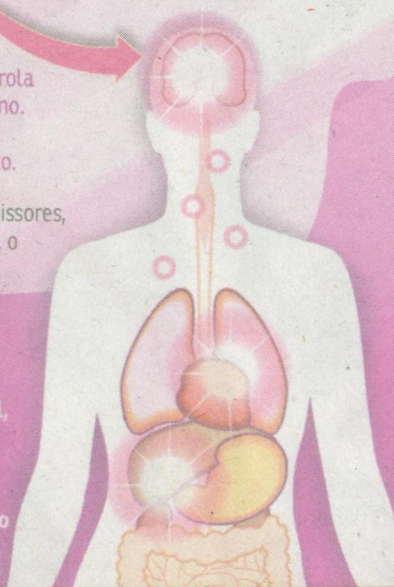
Olhou! Sentiu! Gostou! De imediato, o cérebro aumenta a produção de dopamina, um dos principais neurotransmissores do prazer. Aumenta também os níveis de noradrenalina, a substância que impulsiona a excitação.

É a fase da atração, da luxúria. A pessoa fica agitada, corajosa e disposta a conquistar o ser amado.

O cérebro libera substâncias que provocam a sensação de bem-estar. Entre elas está a serotonina, que controla o humor, a ansiedade, o apetite e o sono. Há maior descarga de endorfina, que causa aquela sensação de relaxamento.

Por causa da ação desses neurotransmissores, a pessoa fica mais distraída. É a paixão, o amor romântico, como o das novelas.

Preparando o terreno para um relacionamento estável, o hipotálamo e a hipófise produzem os hormônios oxitocina e vasopressina, responsáveis pela formação dos laços afetivos.



# Explosão de sensações

POR MARIA VITÓRIA

Amar é... estar sempre juntos, cuidar um do outro, fazer um jantar especial. Para alguns, os conceitos de amor poderiam ser facilmente extraídos daquele álbum de figurinhas da década de 1980, que depois foi relançado com sucesso em meados dos anos 2000. Mas, para a ciência, qual é a definição de amor, ou melhor, de paixão, o sentimento mais típico dos enamorados? Uma explosão de substâncias, uma espécie de curto-circuito, com descargas para todo o corpo.

Os sinais mais evidentes nos apaixonados são o aumento da pressão arterial, da frequência respiratória e dos batimentos cardíacos, a dilatação das pupilas, os tremores e o rubor, além de falta de apetite, de concentração, de memória e de sono. Tudo provocado por alterações em regiões do cérebro. "Diante dessa avalanche de emoções, amar faz muito bem ao organismo", conclui o neurologista Ricardo Teixeira, do Instituto do Cérebro de Brasília e responsável pelo blog ConsCiência no Dia-a-Dia.

Fontes: psiquiatra Carmita Abdo; neurologista Ricardo Teixeira e o livro *Por que amamos?*, da antropóloga Helen Fisher